

Fortal *in burn*: notas de uma etnografia afro-transatlântica com jovens negros/as na cidade de Fortaleza¹

Paulo Henrique Ferreira de Freitas²
Alecsandro José Prudêncio Ratts³

Resumo

A cidade de Fortaleza é uma cidade “ocupada” em seu sentido demográfico/populacional. Para algumas dessas populações que ocupam o território da capital cearense, como a classe trabalhadora negra que chegava em Fortaleza vindas de diversos outros lugares do estado do Ceará e continuaram a ocupar a cidade, viram a cidade tornar-se uma metrópole em um pequeno contexto temporal. No entanto, a ocupação de partes da infraestrutura da cidade de Fortaleza constitui os espaços chamados favela-comunidade, espaços legados de precariedade e abandono do poder público, mas produtores de sensibilidades comunitárias que nos ajudarão a compreender esses espaços urbanos. Tomamos algumas notas que envolvem contextos e conceitos-vivências de juventudes negras na cidade de Fortaleza, através de “sensibilidades analíticas” de gerações marcadas por interseccionalidades entre “raça, gênero, sexualidades e território”. As abordagens policiais nas cidades ligam-se efetivamente com a construção de padrões de busca que ganham status de institucionalização, quando se é tomada como prática sistêmica quanto às abordagens letais registradas pelos relatórios de segurança pública. No entanto, há fatores como seletividade racial (SINHORETO, 2014), que podem ser um fio condutor dessa discussão, como diz Lélia Gonzáles. Essa ideia de divisão racial do espaço, pode ser bem aplicada ao contexto dessa interlocução. Entretanto, ainda assim buscamos nesse investimento extrapolar noções restritas e enclausuradas na produção de violência por parte do estado, podendo assim, nos permitir alcançar repertórios e estratégias próprias desses sujeitos/as quanto aos problemas identificados nesse percurso. Pretendemos, portanto, alcançar novas perspectivas e posturas do saber de/para/com essas populações, bem como também na elaboração de contra narrativas que são constantemente relegadas à narrativas de estereótipos de controle social urbano, impostas pela marginalidade do corpo-negro e jovem.

Palavras - chave:

Antropologia urbana; resistências e pertencimentos na cidade; juventudes negras.

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² Mestrando em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG); paulohenrique603@gmail.com.

³ Docente permanente do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG); Doutor em Antropologia Social (USP);

Introdução

Este artigo que é apresentado no contexto da 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, trata-se de trabalho desenvolvido a partir da pesquisa “domingo na praia para além do baculejo”, em que busca desenvolver um panorama de sociabilidades e pertencimentos de jovens negras/os nas costas marítimas de Fortaleza.

Trata-se também de texto em construção e apresentado durante o “Seminário Entrelinhas: etnografias do presente”, organizado pelo Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. Portanto, texto que também estará publicado no livro “entrelinhas 2020/21” com pequenas alterações, uma publicação coletiva das turmas de mestrado de 2020 e 2021 do PPGAS UFG. Esse texto tem a colaboração dos Profs Alex Ratts, Luciana Oliveira Dias e Alessandro Oliveira além de contar com comentários da Profa Flávia Medeiros e do Prof André Luiz Figueira.

A possibilidade de participação na RBA e a apresentação deste trabalho se dá no interstício entre uma publicação e a discussão aberta de um texto em contínua discussão e alteração. Dentro das discussões sobre os processos de resistências nas cidades e de constituição de cidadanias plenas nesses espaços, além de suas mais diversas produções que podem ser captadas no espaço urbano.

A aproximação entre as possibilidades de se pensar a construção de uma etnografia em que sejam relevantes os pontos de vistas de jovens negros/as em contextos urbanos, para a constituição da área de antropologia urbana e dos estudos das relações raciais no Brasil e na diáspora africana, torna-se então, uma oportunidade proeminente neste evento, em que espero ser bastante qualitativo.

Apontando a especificidade deste texto etnográfico, que também, busca compreender como se constituem identidades negras “do outro lado do atlântico”, portanto, trata-se de uma pesquisa fundada na trans-atlanticidade de Beatriz Nascimento e dos lugares da gente negra de Lélia Gonzalez, pensados como caminhos de territórios físicos e existenciais da negritude em Fortaleza, especificamente no encontro com o mar e suas coexistências.

Interlúdios às águas afro-atlânticas de jovens negros/as em Fortaleza

Brevemente vou apresentar um pequeno repertório musical poético que vem sendo produzido por jovens negras/os na cidade de Fortaleza, eles e elas narram suas vivências com acertado teor crítico, poético e musical. Vou seguir as composições de Mateus Henrique

Ferreira, Luiza Nobel, Carlos Gallo e Muriel Cruz, para aproximar esse estudo entre as referências que são necessárias para a sua existência.

Logo, porque existe um entrelaçamento entre o corpo, a voz, a textualidade e as experiências desses jovens que torna exatamente possível a expressão dessa busca através de suas composições musicais e intelectuais, a partir de um repertório de situações vividas cotidianamente que são transformadas em música, álbuns, trabalho, renda e identidade.

A primeira delas é a Missa Negra, que Mateus faz esse rock assim:

Domingo na praia, comigo na praia
Domingo não, não tem busão
Não há justiça mas tem sol e calor (...)
Pula a catraca, mantém decência
Praia lotada, segue a sequência.

(Missa Negra, Mateus Henrique Ferreira do Nascimento).

Podemos iniciar este trajeto com duas opções, a primeira é a percepção do corpo de quem visita às praias aos domingos e a segunda do território de quem visita às praias aos domingos. A característica de sua não regulação e de sua incessante busca pela identidade. No espaço urbano que nos leva a praia, há uma intermediação nesse processo que é realizada pelo ônibus, pelo transporte público. Eis então, nosso primeiro grande problema num domingo ensolarado.

Existem diversas noções coletivas de como os corpos devem se comportar em determinados espaços públicos na cidade, uma delas é a garantia do silêncio durante o trajeto e a comodidade do transporte. Nenhuma dessas duas noções podem exatamente ser aplicadas nesse universo, e isso não tem nada haver com quebras de protocolos. A questão é que os protocolos nessas situações já não são mais os pré estabelecidos e possuem diversos pontos a serem elencados e descritos.

A ruptura com esses protocolos de comportamento, tomam características quando contextualizados com noções geracionais e ainda mais, através de seus repertórios musicais. Algumas noções trazidas pela música Missa Negra, são importantes para exemplificar a ideia de corpo emancipado elaborado pela Dra. Nilma Lino Gomes⁴.

Seguindo nosso trajeto pela cidade, nos deparamos com a Mumutante, que lança:

Sinto que algo está por vir ou melhor, sinto que algo está pra voltar
A mesma angústia é sentida o pesar
nos ombros ameaça o encontro brusco entre o lábio e o chão
fico leve, e isso é só o tempo entre um baculejo e outro.
(Baculejo, Muriel Cruz “Mumutante”).

⁴ GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

Passamos então, a perceber que não são exatamente as rupturas de comportamento pré estabelecidas que compõem o restante desse trajeto. E sim, os mesmos fatores de construção do início desse percurso: o corpo, o território, o gênero, a idade e outras *diferenças*. Os baculejos, são conhecidos também por abordagens policiais e seguem diversas características específicas nas grandes cidades, podem ser pontuadas aqui, questões inerentes a seletividade racial, aos padrões de busca e a divisão racial do espaço, esses mesmos três fatores configuram exatamente a colocação de Muriel Cruz em seu repertório.

Ainda que tenhamos que desviar dessa imagem de controle e dessa imagem de perseguição, isso não é possível. *A mesma angústia é sentida o pesar*. É parte inerente de ser negro em qualquer lugar do mundo, te colocam no mundo e quando você percebe você já foi escolhido como o inimigo. Não adianta se comportar direito como manda a cartilha dos pré estabelecimentos, você sempre será o inimigo que precisa ser combatido e humilhado.

Fico leve. É possível perceber que mesmo os corpos menos adestrados ainda sentem o mesmo peso que os outros. Mais uma vez, a identidade precisa ser lembrada aqui. Pois nesse repertório há nuances sutis de compartilhamento de vivências e de categorias que podem sempre ser trazidas à tona para que rapidamente um conjunto de pessoas possam compartilhar suas experiências. Parece mágica, algo assim, mas percebemos que é uma tristeza que isso não possa ser resolvido com magia. Mesmo não existindo a tão falada *fórmula mágica da paz* é possível criar algumas estratégias.

Não que se finde, porque sempre possuem continuidades. Mas ao reencontrarmos Luiza Nobel e Carlos (Nego) Gallo, chegamos agora ao terceiro ponto do nosso caminho,

Ficar junto de novo
Luz, consciência ao meu povo
Let's burn! Let's burn!
(Let 's burn; Luiza Nobel; Nego Gallo).

A Fortaleza *in burn* tem sido construído como projeto autônomo e criativo, principalmente organizado por jovens negros/as nas periferias de Fortaleza e da arte e cultura da cidade. Para Stuart Hall, “na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas” (p. 27). Pois é possível perceber que mesmo com essa multiplicidade de experiências que o espaço urbano ou a cidade nos causa, ainda existem pontos de conexões que podem ser trabalhados a partir de duas idéias centrais, que são a produção de sociabilidades (interações internas de um grupo social) e pertencimentos na cidade.

Trouxemos esse repertório aqui por dois motivos, primeiro pela referência criada no contexto dessa pesquisa, e segundo porque nos permite realizar caminhos pela cidade sempre com fone de ouvido e compartilhar essa experiência com muitas pessoas legais e

interessantes. Esse espaço urbano passa a ser formado pelo compartilhamento de identidades, o que nos leva adiante para diversas outras discussões. E são essas identidades que geram fluxos, cruzamentos e trajetos tão ricos e poderosos de sabedorias de existências contínuas.

Ainda em Stuart Hall, é importante lembrar de seu questionamento em “quem é o negro da cultura negra?⁵”, em que aponta algumas ideias que são fundamentais de serem sistematizadas, como a constituição dos repertórios dessa *cultura negra popular*. O que abordamos rapidamente aqui é como essas músicas, poesia e literatura negra criam e reinventam as existências de jovens negros/as na cidade de Fortaleza. São essas experiências que permitem a profundidade dessa pesquisa.

Juventudes à flor da pele na Fortaleza *in burn*

A cidade de Fortaleza é uma cidade “ocupada” em seu sentido demográfico/populacional. Para algumas dessas populações que ocupam o território da capital cearense, como a classe trabalhadora negra que chegava em Fortaleza vindas de diversos outros lugares do estado do Ceará, continuaram a ocupar a cidade que se viu tornar uma metrópole em um pequeno contexto temporal.

Esse movimento nunca parou, até os dias atuais ainda se identificam diversos relatos de comunidades inteiras em processos de remoção urbana forçada pelos projetos pilotos das “grandes cidades”, até mesmo as ocupações tradicionais⁶ do espaço urbano, tornam-se alvos da especulação imobiliária ou de grandes projetos arquitetônicos na cidade.

No entanto, a ocupação de partes da infraestrutura da cidade de Fortaleza constitui os espaços chamados favela-comunidade, espaços legados de precariedade e abandono do poder público, mas produtores de sensibilidades comunitárias que nos ajudarão a compreender esses espaços urbanos. Tomamos algumas notas que envolvem contextos e conceitos-vivências de juventudes negras na cidade de Fortaleza, através de “sensibilidades analíticas” de gerações marcadas por interseccionalidades⁷ entre “raça, gênero, sexualidades e território”.

Para o pesquisador Alex Ratts, “Fortaleza é uma cidade negra, dividida e segregada, mas com inúmeras pessoas e coletividades que recriam suas expressões e coletividades”⁸, de onde surge uma busca pela realização deste ensaio inicial que é marcada em si por dois

⁵ HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

⁶ ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2.a ed. Manaus: pgsca-ufam, 2008. 192 p.

⁷ AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Coord. Djamilia Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

⁸ RATTIS, Alex. A negritude da terra da luz. In: Histórias de luz. Calé Alencar; Pingo de Fortaleza (org.). Fortaleza, 2014.

pontos de vista complementares um ao outro. Onde o primeiro está sob as experiências de “quase-morte”⁹ produzidas tanto nas perseguições policiais constantes nas grandes capitais, quanto nos descasos em garantias de políticas públicas de promoção de cidadanias, e o segundo está nas “micro segregações” geográficas e de silenciamento corpóreo que invisibiliza as memórias de um espaço urbano em que se preza o valor e sua especulação financeira.

Entretanto, ainda assim buscamos nesse investimento extrapolar noções restritas e enclausuradas na produção de violência por parte do estado, podendo assim, nos permitir alcançar repertórios e estratégias próprias desses sujeitos/as quanto aos problemas identificados nesse percurso. A produção de transgressões de juventudes negras ainda permanecem pouco reconhecidas e visibilizadas, tanto no fazer acadêmico como nos processos de construção dessas redes de sociabilidades. Estabelecendo diálogos que possam possibilitar alcançar novas perspectivas e posturas do saber de/para/com essas populações, bem como também na elaboração de contra-narrativas que são constantemente relegadas à narrativas de estereótipos de controle social urbano, impostas pela *marginalidade* do corpo-negro e jovem.

As abordagens policiais nas cidades ligam-se efetivamente com a construção de *padrões de busca* que ganham status de institucionalização, quando se é tomada como prática sistêmica quanto às abordagens letais registradas pelos relatórios de segurança pública. No entanto, fatores como *seletividade racial*¹⁰, que podem ser um fio condutor dessa discussão, como diz, Lélia Gonzáles (1982, p.15) “aqui também se tem a presença policial; só que não é para proteger, mas para reprimir, violentar e amedrontar”. Essa ideia de *divisão racial do espaço*, pode ser bem aplicada ao contexto dessa interlocução.

Os limites da gestão pública no que tange às políticas públicas para a juventude negra em Fortaleza, como as políticas de acesso à cidade (mobilidade urbana, acesso ao lazer e à cultura) e de profissionalização e promoção de autonomia financeira (trabalho e renda). Onde por meio de contextualizações históricas e relacionais das/os autores envolvidas/os na cidade, possibilitam a constituição de narrativas de vida de jovens negras/os em Fortaleza e uma observação crítica sobre as posições sociais que esses/as sujeitos/as ocupam na formação demográfica/populacional na cidade.

⁹ EVARISTO, Conceição. Olhos d’água. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2020.

¹⁰ SINHORETTO, Jacqueline. Desigualdade racial e segurança pública em São Paulo. Letalidade policial e prisões em flagrante. São Paulo: UFSCar, 2014.

Entre os processos de construção e negação dessas cidadanias, antes legadas há uma sistematicidade de estereótipos, onde esses a(u)tores passam a questionar essa lógica excludente e etnocêntrica (racista) de se estabelecer relações públicas de sociabilidades e portanto, de racialidades ou racializações do espaço urbano. Esse questionamento, pode ser visto nas ideias de “corpo regulado vs. corpo emancipado”¹¹ a partir das interlocuções produzidas em três níveis: identitários, políticos e estéticos-corpóreos, respectivamente, como citado pela autora.

Antropologia urbana e antropologia das relações raciais: conexões e limites teóricos

A antropologia possui um lócus de investigação privilegiado no que tange às categorias de *sociabilidades, pertencimentos e conflitos*, através da densidade do aprofundamento da literatura bibliográfica em *antropologia urbana* e *antropologia nas relações raciais*. A partir de perspectiva interdisciplinar, estes campos permitem-nos realizar aproximações empíricas e teóricas com outras categorias, como, divisão racial do espaço, afro-transatlanticidade e genocídio da juventude negra.

A antropologia urbana é o campo concebido para buscar a produção de conhecimento sobre as relações produzidas nas cidades ou no espaço urbano, através de recortes espaço-temporais bastante definidos. Possibilita a utilização de referenciais metodológicos que expandem as experimentações produzidas pelo fazer antropológico clássico, como a produção de etno - documentários e exposições foto - etnográficas.

O campo dos estudos em relações raciais, é fundamental para a realização desta pesquisa, no que tange às contribuições dos estudos sobre *atitudes raciais*¹² até as ideias mais recentes de racismos institucional e estrutural¹³. As possibilidades aqui, correlacionam se diretamente com as experiências empíricas, teóricas, ontológicas e políticas para a realização desta investigação e produção de uma *antropologia por demanda*¹⁴, em que essas relações de troca devam ser bilaterais ou multilaterais tanto para a construção de políticas públicas, como para expansão de possibilidades das/os sujeitos/as *envolvidas/os*.

As cidades, as pessoas e seus movimentos possuem suas marcas ou suas manchas. As *manchas negras* sempre foram produzidas a partir de análises onde o ponto de partida já

¹¹ GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

¹² BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. (org.) Marcos Chor Maio. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010. 192 p.

¹³ ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

¹⁴ SEGATO, Rita. Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

apontava para sua criminalização, sempre foi constante as insinuações racistas de que grupos de jovens negras/os representariam situações e sensações de perigo nas grandes cidades. Neste trabalho, portanto, essas produções nos espaços urbanos serão trabalhados como *santuários*, como aponta o rapper Djonga. Espaços para produção de significados, experiências e recriações coletivas. A política de incentivo ao turismo, por exemplo, concebeu à Fortaleza o título de “a terra da luz”, mas dessa luz nenhum jovem negro/a ainda se iliminou pois ela nunca chegou para nós, refiro-me aqui como parte da população negra e favelada que nela existe e resiste.

Essas contribuições trazem questões fundamentais para a ampliação de perspectivas, que podem estar localizadas na transição de uma antropologia urbana para uma observação e interpretação da relação produzida com os estudos de **antropologia nas relações raciais**. Veríamos então que trabalhos dignos de apresentação e contextualização profunda não estão presentes nos relatórios institucionais de revisão bibliográfica. Citamos apenas dois grandes trabalhos que deslumbram e discutem as cidades brasileiras sob uma crítica “racializada”.

O primeiro deles é o livro da antropóloga Ruth Landes, “A cidade das Mulheres” (1938), em que o protagonismo das “mulheres de santo / mães de santo” em Salvador passa a ser registrado com a colaboração de Edison Carneiro, outro importante pesquisador das relações raciais no Brasil (mais precisamente, dos estudos do negro). Neste trabalho estão presentes questões como relações de gênero, sexualidades dissidentes dentro do candomblé e uma riqueza de perspectiva sobre a cidade de Salvador e a presença da população negra.

O segundo deles também é uma importante contribuição de Virgínia Leone Bicudo, estudante da primeira turma de Sociologia Política da Universidade de São Paulo, que através da orientação de Donald Pierson, escreveu sua dissertação intitulada “atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo” (1945; 2010) e outros trabalhos publicados em revistas de estudos psicanalíticos e em uma grande pesquisa realizada pela UNESCO que revisou as políticas raciais no Brasil em 1950, exportando assim uma imagem caricata brasileira de país da democracia racial. Virgínia Bicudo, analisa como “associações negras” discutiam questões intrínsecas entre os grupos de “pretos” e “mulatos” na cidade de São Paulo e como essas relações eram operadas dentro desses circuitos de negros em mobilidade social. Certamente, desconsiderar as contribuições pioneiras de Ruth Landes e Virgínia Bicudo, tem sido um erro para a formação de antropólogos/as que situam suas pesquisas nas cidades.

A questão racial perpassa então, diversos momentos na produção bibliográfica e científica no Brasil e no mundo, desde o surgimento do racismo científico com ideias do evolucionismo que buscava a objetificação do negro em seus estudos, tornando essa

população passiva e passível de escrutínio científico sem precedentes. Tais intérpretes dessas correntes se encontram na antropologia de cunho biologizante e psicologizante, cito alguns nomes: Arthur Ramos, Nina Oliveira, Gilberto Freyre e outros.

Retomo no entanto, as duas antropólogas já citadas pelas especificidades de suas pesquisas em relação aos campos da antropologia, mas também para além da disciplina. São os estudos das/nas relações raciais no Brasil, que tornam a produção negra acadêmica e não acadêmica um campo espesso por sua densidade e sensibilidade analítica das condições de existências da população negra.

Neste espaço de discussão é importante trazer a tona a contribuição da antropóloga Lélia Gonzalez (1982, p. 15), que diz: “o lugar natural do negro é o oposto [aos brancos]: da senzala às favelas, cortiços, porões, *invasões*, alagados e conjuntos “habitacionais”, o critério tem sido o mesmo: *a divisão racial do espaço*”. Para o intelectual negro Abdias do Nascimento em “o genocídio do negro brasileiro” (2016), se tomarmos uma perspectiva em que a linha racial seja efetivamente considerada, o Brasil seria um país onde o racismo é praticado sem remorsos, mas com seus propósitos funestos tais quais às da políticas do apartheid na África do Sul.

Em maior expansão, no que tange a divisão racial do espaço e a produção institucional e sistemática de violências de estado, temos a dissertação de Mônica Wilson que tem a co-autoria do antropólogo sul-africano Archie Mafeje, “Langa: um estudos de grupos sociais nas townships na África do Sul” (1963) que buscou identificar como as remoções forçadas da população negra na África do Sul, tornou-se uma base estratégica para a construção das *townships* (guetos) e legitimou boa parte das cenas de violências produzidas pelo apartheid e a política de *segregação racial*.

Destaco aqui a contribuição intelectual diversa e potente do geógrafo e pensador Milton Santos (1997; 2002), que buscou uma interpretação dessas cidadanias que estão em papéis de *deficientes cívicos*. Em busca da implementação de uma nova ordem mundial na distribuição não só dos espaços das cidades, mas também dos corpos que ocupam e que são transeuntes dessas cidades “globalizadas”. Características como a fome, pobreza, trabalho precarizado, violência institucional e não institucional e etc. Milton Santos também buscou questionar a situação da população negra no Brasil.

A perspectiva antropológica dos estudos nas cidades e a produção de violências nas periferias e favelas brasileiras, acabam por ter um campo extremamente expandido em categorias e conceitos que possam estar disponíveis para pesquisadores/as negras/os. Sobretudo pela evidência de que a questão racial é fundamental para a interpretação crítica

desses processos nos espaços urbanos, bem como esses espaços por meio de políticas institucionais e não institucionais adotam a utilização da violência como política de estado explícita e implícita.

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018. p. 144.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto:** terras tradicionalmente ocupadas. 2.a ed. Manaus: pgsca–ufam, 2008. 192 p.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural.** Coord. Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2018.

BICUDO, Virgínia Leone. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo.** (org.) Marcos Chor Maio. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010. 192 p.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água.** Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2020.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador:** saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de Negro:** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. pp. 115.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: UNESCO, 2003.

HOOKS, bell. **Olhares negros:** raça e representação. Editora Elefante, 2019.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres.** 2 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. 360p.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro:** um processo de racismo mascarado. 3º ed. Perspectivas: São Paulo, 2016.

RATTS, Alex. **A negritude da terra da luz.** In: Histórias de luz. Calé Alencar; Pingo de Fortaleza (org.). Fortaleza, 2014.

SANTOS, Milton. **O país distorcido:** o Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 169.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios e uma antropologia por demanda.** Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2021.

SINHORETTO, Jacqueline. **Desigualdade racial e segurança pública em São Paulo.** Letalidade policial e prisões em flagrante. São Paulo: UFSCar, 2014.

Wilson, Monica; Mafeje, Archie. **Langa**: a study of social groups in an African township by Capetown, Oxford University Press, 1963

Referências musicais / Repertórios áudio etnográficos

Luiza Nobel; Carlos (nego) Galo. **Lets Burn**. Disponível em: [\(697\) Luiza Nobel ft. Nego Galo - Let's Burn \(Clipe Oficial\) - YouTube](#) . Acesso em: 27/05/2021.

Mateus Henrique Ferreira (Mateus Fazeno Rock). **Missa Negra**. Disponível em: [\(697\) 07. MATEUSFAZENOROCK - MISSA NEGRA - YouTube](#) . Acesso em: 24/04/2020.

Muriel Cruz (Mumutante). **Baculejo**. Disponível em: [\(697\) Baculejo - YouTube](#). Acesso em: 10/06/2020.